

# A CULTURA E A LÍNGUA FACE ÀS NOVAS TECNOLOGIAS DA INFORMAÇÃO E DA COMUNICAÇÃO (A INDÚSTRIA DA CONSCIÊNCIA)\*

DR. EDUARDO DIATAHY B. DE MENEZES\*\*

## RESUMO

Este ensaio resulta de uma comunicação em que se tenta caracterizar o conjunto das novas tecnologias da informação e da comunicação – também conhecidas pelo título de «indústria da consciência» – e examinar os impactos socioculturais e políticos do novo meio criado por tais tecnologias, bem como seus efeitos sobre as transformações sofridas pelas línguas nacionais. Complementam esta comunicação, em anexo, dois artigos mais curtos em que uma reflexão correlata procura examinar a morte ou a força do livro na era da cultura dita virtual ou ciberespaço. Finalmente, dois apêndices bem humorados ilustram expressões típicas dessa cultura.

\* Prof. Titular da UFC e da UECE e Pesquisador I-A do CNPq.

\*\* Comunicação apresentada a 02 de Junho de 2000, no VI Encontro de Intelectuais e Artistas da Diáspora. V Colóquio de Poetas da Língua Portuguesa. III Fórum Pessoaano. Dia 01 e 03 de Junho de 2000, no Centro Dragão do Mar de Arte e Cultura, Fortaleza – CE – Brasil.

No exíguo limite de tempo de que disponho para esta comunicação, pretendo apenas assinalar alguns fatos mais recentes e suscitar algumas reflexões.

Portanto, trata-se de algo incipiente e meramente provocador ao debate. Mas tenho a esperança que a discussão destas questões venha a enriquecer os seus desdobramentos.

Que devemos entender por isto que, por comodidade e simplificação, chamarei de **novas tecnologias da comunicação**, mas que na verdade são tecnologias de informação e de comunicação [informática, cibernética etc.]?

O ensaísta alemão Hans Magnus ENZENSBERGER acomoda esse conjunto de fenômenos sob a designação de «*indústria da consciência*».

Pouco importa o nome com que o chamemos. O que quero assinalar vai no sentido de tentar uma compreensão racional das transformações que essas tecnologias estão provocando em nossa existência coletiva e quotidiana.

Estamos, talvez, excessivamente presos à concepção de tecnologia como algo necessariamente associado a **equipamentos mate-**

**riais**, mesmo quando se trata de minúsculos e complexos circuitos eletrônicos. Essa imagem nos faz indiferentes a uma observação de BACHELARD segundo a qual um instrumento é a concreção de inúmeros teoremas. Além disso, ela tende a obscurecer o extraordinário papel propedêutico das **tecnologias cognitivas** desenvolvidas pela humanidade ao longo do tempo:

- as várias formas de linguagem;
- a escrita e a leitura;
- os desenhos e figurações;
- os ritmos e melodias;
- os algoritmos e sistemas operatórios de cálculo e processamento da informação;
- os diversos meios de comunicação; etc.

São esses inúmeros instrumentos do espírito e do corpo que propiciaram à nossa espécie suas múltiplas expressões culturais e criações simbólicas. *Grosso modo*, esse foi o panorama geral da humanidade ao longo de milênios, e que lhe permitiu produzir as várias revoluções econômicas, políticas e culturais.

Tudo faz crer, ao observador atento da paisagem mundial, que estamos vivendo neste momento o surgimento de uma **nova época da civilização**, a partir de um processo denso de **revolução da informação e da comunicação** e a conseqüente expansão do conhecimento e do acesso a este.

O primeiro aspecto a destacar nessa subversão tecnológica é o **numérico**, a saber, o processo de digitalização que permite hoje simplificar, comprimir e difundir enorme volume de informação: dados, sons, imagens visuais, cor, movimento, etc., etc. Quase tudo em matéria de expressão simbólica está a ser recodificado nessa linguagem. Ainda não se conseguiu traduzir, nesse sistema binário, coisas como o **sabor**, mas no que concerne ao **odor** já existe tecnologia recente capaz de transportá-lo a grandes distâncias via rede de computadores. E alguns especialistas já anunciam a superação de toda essa tecnologia eletrônica de informação e comunicação pelos recursos da física quântica. Não se trata de exercício de futurologia, mas sim, de um desenvolvimento cujo rumo não somos ainda capazes de prever, mas apenas de imaginar...

O segundo aspecto a assinalar consiste no surgimento de **multimeios**, isto é, o cruzamento e a convergência de três dos atuais meios mais poderosos: o **telefone**, o celular ou telefonia móvel, a **TV** e o **computador**.

Noutros termos, o atual computador, incorporando vários outros recursos [modem, CD-Rom, DVD, câmeras digitais, scanner, etc.], levou a integrar o discurso de tipo piramidal da TV – onde alguém fala ou representa, enquanto os outros escutam e vêem – ao sistema de **rede comunicacional** que a telefonia permite. Ou seja, um sistema de trocas de informações em tempo real e simultâneo.

Tal fenômeno de convergência de tecnologias gerou o surgimento de **outros meios** antes inexistentes em sua forma atual e levou a **novas práticas** tais como:

- a criação da INTERNET (ou seja, a interconexão dos computadores em plano mundial);

- o correio eletrônico (E-mail);
- a consulta a **dados** em escala planetária e ate mais ampla;
- a criação de **fóruns** e **grupos** de discussão sem fronteiras definidas, nem geográficas nem teóricas;
- a visitaçao de sítios culturais, museus, universidades, etc.;
- o acesso às galerias comerciais e à aquisição de bens;
- a consulta a Bibliotecas, enciclopédias, livros e periódicos;
- a visitaçao de outros acervos, pinacotecas, videotecas, etc.

Nesse conjunto de que ofereço aqui apenas sumária idéia, a INTERNET é, talvez, o **fenômeno sociotecnológico** mais importante deste fim de século e começo doutro milênio: fenômeno perturbador e de ampla envergadura, visto que há apenas seis ou sete anos não tínhamos conhecimento nem da **palavra** nem da **coisa**. Hoje, INTERNET, ou simplesmente a «NET», como a chamam os usuários quase com carinho, tornou-se uma realidade no mínimo **discursiva** ou, melhor, social, de que muitos falam por toda parte no mundo. Mas sobretudo constitui um fenômeno para o qual nossos antigos costumes culturais e tradições não nos fazem muito aptos a compreendê-lo e a avaliar os seus limites.

Com efeito, falta-nos ainda distanciamento histórico e crítico para perceber todo o alcance dessa revolução informática e cultural em suas **mutações** futuras em ritmo sempre mais acelerado. Em toda a história humana, jamais houve tal acesso a tanto volume de dados e novas práticas, em unidades de tempo cada vez menores.

E mais do que ao **fim da História** [Fukayama], nossa época assiste à sua aceleração e talvez à **morte da distância**, com a dissolução das **fronteiras geográficas**.

Nosso horizonte de consciência saberia alcançar suas **conseqüências**?

Uma das conseqüências mais imediatas que nos interessa aqui mais de perto reside em que, no plano individual e coletivo, essa revolução está a exigir novo processo de **realfabrificação** dos cidadãos, que implica esforço de aprendizagem, de adaptação, assimilação e acomodação.

Desde as grandes invenções da humanidade nesse terreno, com o surgimento da **escrita** cerca de um milênio a. C., na Fenícia; passando pela invenção da imprensa móvel por Gutenberg no século XV; é esta a nova grande revolução das linguagens que a INTERNET suscita.

Sem a intenção de proceder a maiores desenvolvimentos no que tange a outras conseqüências, assinalo simplesmente algumas delas já visíveis:

- Os equipamentos de informática, cada vez mais miniaturizados, permitem no entanto ao indivíduo acumular cada vez maior número de dados. Cito meu caso individual, como mera ilustração dessa rápida evolução: meu primeiro contacto com um computador, em março de 1989, em Paris, me punha em face de um AMSTRAD inglês, sem memória de massa e que portanto só operava introduzindo-se um disquete com o programa de edição de textos e tendo que salvar tudo noutra disquete, sob risco de pôr a perder tudo que se elaborava. Quando retornei ao Brasil, em agosto do ano seguinte, trazia um MACINTOSH que possuía para a época a extraordinária memória de 40 Mb! Em 1993, adquiri na Califórnia um PACKARD BELL, um 486, com recursos de multimeios, acesso à TV, e memória de 265 Mb. Enfim, hoje possuo um PC com o processador Pentium II de 400 MHz, 128 Mb de memória RAM, e 10 Gb de memória de massa, tendo conectado a ele um Zip Drive e mais outros recursos, mas que já estão todos defasados em face dos avanços tecnológicos de cada semestre. Se eu lhe atrelar um DVD-player, essa capacidade de armazenar informações torna-se inimaginavelmente exponencial: um único DVD permite acumular 1.000 livros de 1.000 páginas. Assim, posso imaginar que um indiví-

duo com 100 DVD's numa sacola poderia ter uma BIBLIOTECA maior do que as bibliotecas da África negra, por exemplo.

- Edgar MORIN, no seu *L'Esprit du Temps – essai sur la culture de masse* [Paris: Grasset, 1962], sublinhava o fato de que os Meios de Comunicação de Massa transformaram pela primeira vez a idéia de **mundo** de mera referência geográfica numa categoria sociológica. De modo semelhante, a INTERNET parece estar propiciando a possibilidade de transformar a idéia abstrata de **humanidade** numa categorial real, existencial.

- Quando Walter BENJAMIN intuiu de forma genial as mutações da **Arte** na época de sua reprodutibilidade técnica, não havia então nenhum desses recursos atuais, excetuados os procedimentos de fotografia e de impressão.

- Outra conseqüência crucial: as **novas modalidades de cooperação** internacional tanto no plano científico quanto cultural, independentemente de acordos diplomáticos ou governamentais. Cito um exemplo ilustrativo: quando, no século XIX, MARTIUS e SPIX realizaram durante três anos suas expedições científicas pelo Brasil, o primeiro deles concebe, em 1825, o plano de elaborar a *Flora Brasiliensis*, obra monumental cujo fascículo inicial sai em 1829 e que levou 66 anos para ser publicado em seus 40 volumes, com a colaboração classificadora de 57 botânicos de várias partes do mundo. No momento em que MARTIUS faleceu (1868), apenas um terço da obra estava publicada, tendo sido concluída depois por EICHLER e URBAN. Para a época, foi um feito extraordinário. Pois bem, hoje, um programa operatório de computador, como LINUX, tem recebido em seu aperfeiçoamento a colaboração de milhares de “desenvolvedores” por toda parte no mundo.

Outra conseqüência ainda mais radical em termos de teoria do conhecimento reside na profunda mutação das formas de **representação**: por um longo período da história, concebemos a imagem como reflexo do real (desenho, foto-

grafia, registro cinematográfico, etc.); com a **virtualização**, com a **numerização**, uma imagem visual ou sonora torna-se o resultado de uma fórmula matemática e isso subverte nossa relação como o **real**: o chamado mundo VIRTUAL pode mesmo criar o IMPOSSÍVEL. Começa a nascer daí uma nova **filosofia da representação**, que está a exigir uma reformulação dos fundamentos de nossas concepções epistemológicas.

- Com o surgimento das INFOVIAS e suas novas tecnologias e novas empresas multinacionais (a MICROSOFT, por exemplo), ocorre uma revolução na **economia financeira mundial**, que passa a operar com bens cognitivos, com valores imateriais, transformados em impulsos eletrônicos. Exportar programas e tecnologias de informação, por exemplo, passou para o primeiro plano na pauta de exportações dos EUA. Outro exemplo: a previdência social no Canadá. E assim por diante

- Várias conseqüências **políticas** se acham em marcha e para as quais não possuímos um pensamento elaborado capaz de reconfigurar e controlar os problemas daí decorrentes:

- soberania e nação;
- governabilidade;
- democracia mais direta e mais participativa;
- e, possivelmente, a morte do político (?).

- Mundialização ou globalização como forma de **descentralização** e **desregulamentação**: LEI DO MERCADO como princípio reitor?! A que nos levará isso?

- um novo darwinismo social: *«ou se adapta, ou perece»*;
- «não precisa compreender, basta **evoluir**»;

- Mas também enormes conseqüências **culturais**:

- homogeneização, e imaginário comum ou único;
- surgem porém variadas **reações** a esse processo: resistência cultural, nacio-

nalismo, xenofobia, integrismos, racismo, etc.

- Crise da inteligibilidade; etc.
- Exigência de uma **nova Ética**: compreender o **novo universo** e seus mecanismos.
- Seu **lado sombrio** (*Eros versus Tântatos*):
  - os novos excluídos: o hemisfério SUL do planeta; assaltos e crimes, invasões; os «vírus»; o ciberterrorismo; guerras, etc.

**QUESTÃO FUNDAMENTAL: SEREMOS MAIS FELIZES E CRIATIVOS, OU MAIS CARENTES E PERVERSOS?**

Depois desses questionamentos sobre os efeitos de natureza mais sociocultural e política, que exigem maiores reflexões, cabe indagar agora acerca de um aspecto mais específico dentro do quadro geral de transformações oriundas sobretudo do novo meio criado por essas tecnologias da informação e da comunicação:

Quais as implicações no que concerne à **língua**?

Parece evidente que a paisagem mundial aqui esboçada acarreta uma subversão no modo de existência tradicional das línguas nacionais. Trocas intensas ou expansão do intercâmbio lingüístico. Mas sobretudo invasões avassaladoras das línguas de nações dominantes sobre as das nações dependentes. Enorme incremento dos acervos lexicais, o que não deixa de ser um enriquecimento, visto corresponder às exigências de comunicação geradas pelas transformações tecnológicas, etc.

Ora, uma língua nacional é o principal repositório do espírito de um povo; e não se mutila isso impunemente, sem acarretar perdas significativas para a alma e os sentimentos desse povo, para o seu **êthos** cultural, que é o oceano em que germina e cresce a nossa espécie em suas formações sócio-históricas.

Por outro lado, uma língua possui uma **estética**: na sua fonética, na sua prosódia, no seu vocabulário, na sua sintaxe, na sua estilística,

## ARTIGO

etc. Assim, as línguas de países em situação de inferioridade na atual paisagem do mundo, entre perdas e danos, tende a contabilizar sobretudo estes últimos. E qualquer cultor atento e sensível de sua língua, como *locus* ontológico de sua pátria e de sua cultura, constatará facilmente as conseqüências antiestéticas desse processo, para dizer o mínimo.

Mas a ameaça de todas a mais grave, como já está ocorrendo com as moedas nacionais em face daquelas mais fortes, reside na **morte anunciada de nossas línguas** como berço de cultura, substituídas por uma espécie de língua franca, de ampla eficácia denotativa universal, mas também de enorme indigência conotativa e polissêmica.

Nesse sentido, conforme sustenta o lingüista Steve LEVINSON, do Instituto de Psicolingüística da Universidade de Nijmegen, na Holanda, em declaração ao jornal britânico *The Independent*, em menos de um século, a metade dos 6 mil idiomas atualmente falados no mundo desaparecerá, enquanto o inglês, o espanhol e o chinês serão cada vez mais usados como língua viva. Segundo LEVINSON, as estimativas são de que 90% dos idiomas que sobreviveram neste final de século estejam sendo falados por menos de 100 mil pessoas, enquanto só entre 200 e 250 são atualmente falados por mais de um milhão de habitantes. Desconheço o fundamento de tais dados e previsões. Mas estas últimas, se verdadeiras, tornam nossos bons propósitos e colóquios sobre a comunidade lusófona algo próximo do ilusório. Além disso, se verdadeiras, tais transformações estarão prenhes de conseqüências políticas e culturais.

Noutro plano de análise, Alain BENTOLILA, professor de Lingüística Geral na Sorbonne, em recente artigo no *Le Monde* (25.05.2000), sustenta, contra a conhecida tese de CHOMSKY, que a linguagem é adquirida e não inata. Segundo BENTOLILA, quando o lingüista norte-americano afirma o caráter inato da linguagem baseado numa suposta estrutura gramatical comum a todas as línguas, ele confunde resulta-

dos induzidos por seu próprio método de análise com uma identidade real de organização, que descrições mais precisas das línguas do mundo estão longe de revelar. Ora, diz ele, quando uma criança conquista uma linguagem, ela reproduz em alguns anos todo o percurso infinito de tempo que os primeiros homens falantes investiram para traçá-lo. Criadora bem mais que imitadora, descobridora mais que seguidora, a criança constrói sua língua e se constrói com ela. Ela não adquire a linguagem porque se desenvolveu, mas se desenvolve ao realizar a aquisição da linguagem. Essa perspectiva mostra a refinada exigência do papel de pais e educadores no balizamento desse processo criativo e a extraordinária importância do suporte cultural por trás destes.

Assim, para concluir, proponho à reflexão de todos que se sentem responsáveis por essa ingente tarefa a seguinte indagação:

*Que pensar, todavia, diante das previsões uniformizadoras da cultura cibernética mundializada?*

Fortaleza, 2 de junho de 2000.

## INDICAÇÕES BIBLIOGRÁFICAS

- ASHBY, W. Ross: 1970. *Introdução à Cibernética*. São Paulo: Perspectiva.
- BERDOT, Jean-Louis, CALVEZ, Françoise et RAMONET, Ignace (orgs.): 1996. *L'Après Télévision – Multimedia, Virtuel, Internet*. ACTES DU COLLOQUE DE VALENCE (France), 5-8 décembre 1996. Avec le concours du *Monde Diplomatique*. [Texto disponível na Internet].
- ENZENSBERGER, Hans Magnus: 1978. *Elementos para uma Teoria dos Meios de comunicação*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro.
- FRANK, Helmar G.: 1970 *Cibernética e Filosofia*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro.
- MOLES, Abraham: 1969. *Teoria da Informação e Percepção Estética*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro.
- PESSIS-PASTERNAK, Guitta (org.): 1993. *Do Caos à Inteligência Artificial – Quando os Cientistas se interrogam*. São Paulo: Editora Unesp.
- REVISTA USP: 1997. *Dossiê Informática / Internet*. Nº 35, Set. – Out. –Nov. [Contém artigos Flávio Paiva

de Moraes e Imre Simon, Arnaldo Mandel e Jorge L. Delyra, José Rincon Ferreira, Rosaly Fávero Krzyzanowski, Onofre Trindade Jr., Martin Grossmann, José Luiz Kluger, Nicolau Reinhardt, Sérgio Mascarenhas, Maria Ercilia, Phil Agre, Peter Lyman, Tâmara Benakouche, Fátima Cabral e Reinaldo Espinosa; sobre temas como: as novas tecnologias e as universidades milenares, informação: computação e comunicação, bibliotecas virtuais, intranet na USP, a universidade e a revolução informática, comércio eletrônico, uso da WWW na universidade, cultura na Internet, comunidades virtuais, redes técnicas / redes sociais: pré-história da Inter-net no Brasil, jogos eletrônicos e ensino da informática].

ULLMO, Jean *et Al.*: 1970. *A Revolução da Informática*. O computador eletrônico na pesquisa, na medicina, na pedagogia, no planejamento econômico e na administração pública e privada. Rio de Janeiro: Paz e Terra.

WIENER, Nobert: 1968. *Cibernética e Sociedade*. O uso humano de seres humanos. São Paulo: Cultrix.

## ANEXOS

— I —

### A MORTE DO LIVRO NA ERA VIRTUAL?

Nos inícios dos anos 70, as idéias do ensaísta canadense, McLuhan, ainda faziam furor em nossos meios acadêmicos: «o meio é a mensagem», «os meios como extensões do homem», as comunicações de massa transformaram o mundo numa «aldeia global», etc. Como todo modismo intelectual, tais idéias foram lentamente sendo esquecidas na lata de lixo da História.

Dois anos antes, maio de 1968, estivera entre nós Edgar Morin, que pronunciou conferência sobre as teorias da cultura de massa e da indústria cultural. Algum tempo depois, também veio à Fortaleza Ariano Suassuna e fez conferência no auditório da Reitoria da UFC, para um público de universitários, sobretudo de alunos de comunicação e alguns professores. Durante os debates, um estudante levanta-se e interpela o conferencista, afirmando que «em nosso tempo, o livro já era!», e concluía dizendo que suas

concepções eram ultrapassadas. Ariano, pacientemente, indagou do jovem onde ele tinha visto tais idéias, ao que ele respondeu de pronto: «no livro de McLuhan!». E Ariano retrucou: «obrigado!» Nem todos perceberam a ironia socrática de mestre Ariano. Mas ela servirá de insígnia para minha reflexão sobre o tema da indagação, título deste escrito.

Ora, desde que o impressor alemão Johannes Gensfleisch, nascido em Mainz por volta de 1394 e falecido em 1468, mais conhecido porém como Gutenberg, inventou a tipografia de caracteres móveis, a edição de livros deixou de ser criação restrita de objetos caros e raros, tornado-se a primeira produção em série, renunciando os tempos modernos e a era industrial. Vem desse século a célebre Bíblia latina em duas colunas de 42 linhas, de que a Biblioteca Nacional (antiga Biblioteca Real, legada ao país por D. João VI) possui um dos seus raríssimos exemplares. A expansão do conhecimento e as inovações técnicas que propiciaram as grandes navegações, aliadas ao crescente acesso às informações, próprias do período, produziram mutações sociais e culturais que podem ser comparadas, analogicamente, às transformações suscitadas pelas tecnologias espaciais e as da informação em nossos dias.

Assim, se há um objeto, a um só tempo, precioso e cotidiano que pode ser considerado como símbolo da modernidade, este é por certo o **livro**, tal como o concebemos desde então. De fato, ele se tornou não só instrumento individual de trabalho e prazer, como assumiu também o papel indutor de profundas modificações na cultura da oralidade em que tinha vivido a maior parte da humanidade desde tempos imemoriais. Ampliou a possibilidade de produção de textos e imagens bem como os meios de acesso aos saberes, multiplicando a existência de livrarias, expandindo o seu comércio e a sua produção. As crenças dos que se filiam às chamadas «religiões do Livro» (judaísmo, cristianismo e islamismo) tornaram objeto sagrado o repositório de suas doutrinas. Algo semelhante

se deu no campo político, onde algumas obras se tornaram o veículo de mobilização das massas. Entre outros raros bens, o livro virou objeto de arte e fetiche dos novos tempos.

Processo captado por Umberto Eco, ao montar astutamente a trama ficcional e erudita de seu *O Nome da Rosa* em torno da investigação de crimes que se sucediam no interior de um mosteiro medieval no norte da Itália, cuja imensa biblioteca possuiria o único exemplar existente da 2ª parte, perdida, da *Poética* de Aristóteles, em que este examina o 'cômico': tais mortes misteriosas estariam relacionadas com o desaparecimento dessa obra, sob a guarda de velho bibliotecário cego, no qual não é difícil ver maliciosa alusão a Jorge Luis Borges, sabidamente um cultor dos livros.

Pois bem, em nossa época de avanço exponencial das tecnologias de comunicação e informação, resumidas na presença avassaladora da Internet, surgem novos profetas anunciando a morte do Livro! Felizmente, o que se tem presenciado é o processo contrário: nunca se produziu tanto livro e jamais houve um acesso tão amplo a informações de toda ordem, contidas nas maiores bibliotecas e museus do mundo; jamais existiu uma livraria com um acervo de 3 milhões de livros como a 'Amazon.com', e criações generosas como a *Biblioteca Virtual do Estudante* produzida pela USP ou o *Jornal de Poesia* realizado por Soares Feitosa, que põem enorme volume de livros à disposição na Internet. Nossos velhos hábitos mentais não nos fazem capazes de vislumbrar sequer as mudanças que ainda virão nesse rumo sem limites.

Fortaleza, 27 de julho de 2000.

– II –

## A FORÇA DO LIVRO NO ESPAÇO VIRTUAL

Em artigo anterior, eu argüia os profetas da morte do livro em nossa era mundializada e de

cultura "virtual". Aliás, gostaria de assinalar desde logo que me constringe o espírito esse atributo 'virtual' com que as muletas verbais do estilo mediático qualificam nosso tempo. Parece-me um paradoxo lógico chamar de «virtual» ao ciberespaço gerado pelas novas tecnologias da comunicação e informação. Se é espaço, não pode ser virtual. Nossos hábitos mentais nos fazem representá-lo associado a volumes consideráveis, mas a criação informática de micropossibilidades ampliou nossos horizontes para além da imaginação comum.

Deixemos porém tais reflexões inusitadas. Vamos a coisas mais pedestres. Com efeito, longe de efetivar tenebrosas profecias, a rede mundial de informação tem aberto generosos espaços para propiciar a presença cada vez mais relevante do livro numa escala incalculável. Quero pois sublinhar agora notícias alvissareiras que nos chegam a toda hora pelos fluxos da Internet. Destaco duas das mais significativas.

A primeira diz respeito à livraria norte-americana na Internet, Barnes & Noble, que, juntamente com a Microsoft, abrem a primeira loja eletrônica de livros. O anúncio dessa grande iniciativa foi feito modestamente na página da «barnesandnoble.com» mediante esta frase: «*O futuro da leitura está aqui!*». Ou seja, aquela livraria *on-line* acaba de lançar amplo serviço de livros eletrônicos, com o suporte tecnológico da Microsoft. Esta fornece gratuitamente o programa denominado *Reader*, enquanto Barnes & Noble propõe descarregar os livros no formato da rede. O lance está dado. A livraria norte-americana anuncia que já há 2000 títulos disponíveis, aos quais juntará 150 novos livros a cada mês. Assim, graças ao programa da Microsoft, o internauta poderá ler o texto de uma obra no monitor de seu computador, num computador de bolso, numa agenda eletrônica, ou como um e-Book; outra possibilidade é estocar as obras num servidor da Microsoft e, assim, a biblioteca não será mais apenas "virtual", mas também nômade: *Candide*, *Guerra e Paz*, *A República*, *Tartuffe*, etc., num futuro próximo qualquer livro estará disponível.

A outra notícia parece ainda mais significativa: de 28 a 30/8/2000, reúne-se no Rio um ciclo de debates sobre o tema: «O Lugar do Livro: entre a Nação e o Mundo», promovido pela Unesco e a Fundação Biblioteca Nacional, com a participação de 25 pensadores brasileiros e estrangeiros, dentre os quais: o filósofo italiano Gianni Vattimo, o argentino Alberto Manguel, o indiano Homi K. Bhabha, o espanhol Rafael Arguillol, o sociólogo francês Michel Maffesoli, e escritores e ensaístas brasileiros como Lygia F. Teles, Carlos H. Cony, Sérgio Paulo Rouanet, Gerd Bornheim, Renato Janine, Muniz Sodré, Carlos Guilherme Mota, etc. Na coordenação geral do colóquio estão Eduardo Portella e Frances Albernaz.

Além disso, não cessam as informações sobre novas vias de acesso na Internet às grandes bibliotecas do mundo: a Vaticana, a do Congresso dos EUA, a do Museu Britânico (onde Marx mergulhava nas suas pesquisas para fundamentar seu amplo projeto de crítica das várias dimensões do pensamento ocidental), etc. A célebre Biblioteca Nacional da França, por exemplo, acaba de divulgar que já está na última fase experimental do «Gallica 2000», projeto que visa a pôr na Internet todo o seu acervo. Iniciado em 1997, o Gallica (<http://gallica.bnf.fr>) já consumiu US\$ 11 milhões. E estão *on-line* 35 mil livros e documentos antigos, além de 45 mil imagens.

Ora, todos esses ricos acervos eram extremamente inacessíveis ao leitor comum. Mas essa enorme massa de informações corre o risco de gerar o que costumamos chamar o paradoxo do saber. Ou seja, a curva exponencial do avanço dos conhecimentos e a amplitude de sua disponibilidade nos tornam individualmente cada vez mais ignorantes. Isso me faz evocar a arguta metáfora contida no genial romance *Auto-de-Fé*, de Elias Canetti, cujo protagonista, o Professor Peter Kien, alto, macilento, erudito de profissão e especialista em sinologia, carregando sempre alguns livros consigo, era o dono da maior biblioteca privada da cidade; ele encerra a sua história em meio ao incêndio que provocara:

«Sobe até o sexto degrau, observa o fogo, espera. Quando as labaredas finalmente o alcançam, solta uma gargalhada tão estrondosa como nunca soltara em toda a sua vida.»

Fortaleza, 25 de agosto de 2000.

## APÊNDICES

### – I –

#### *A evolução do ensino*

#### **1. Ensino antes de 1960**

Um agricultor vende um saco de batatas a 100 reais. Seus custos de produção são de 4/5 do preço de venda. Qual é o seu lucro?

#### **2. Ensino tradicional antes de 1970**

Um agricultor vende um saco de batatas a 100 reais. Seus custos de produção são de 4/5 do preço de venda, isto é 80 reais. Qual é o seu lucro?

#### **3. Ensino moderno nos anos 70**

Um agricultor troca um conjunto B de batatas por um conjunto M de moedas. O número cardinal do conjunto M é igual a 100 e cada elemento vale 1 real. Desenhe 100 grandes pontos representando os elementos do conjunto M. O conjunto C dos custos de produção engloba menos 20 do total de grandes pontos do conjunto M. Represente o conjunto C como um subconjunto do conjunto M e dê a resposta da seguinte questão: Qual é o cardinal L do lucro (desenhe em vermelho)?

#### **4. Ensino renovado em 1980**

Um agricultor vende um saco de batatas a 100 reais. Seus custos de produção são de 80 reais e o lucro de 20 reais. Trabalho de grupo: Sublinhar a palavra “batatas”.

#### **5. Ensino reformado em 1980**

Um agricultor capitalista privilegiado se enriquece ilicitamente de 20 reais com um sacz



de batatz. Anlize o teksto e procure os erros de conteudo, dre gramatika, de ortrografia e pontuacao. Em seguida diga o que você, enquanto estudante, oprimido, negro e favelado, pensa desta forma de enrikecer.

### 6. Ensino assistido por computador (CAE, Computer Aided Education) em 1990

Um produtor cyberspace inicia um query a um Data Bank (SQL) que display a taxa momentânea da sua plantação de batatas. Ele carrega seu software com uma planilha eletrônica que lhe dá o cash-flow anual. Desenha com seu mouse um contorno (3D-STUDIO) de um saco de batatas. Depois ele se loga à Net pelo seu modem Hayes (28800bps), site potato, e segue as indicações do menu. Para saber a questão, click sobre <?>

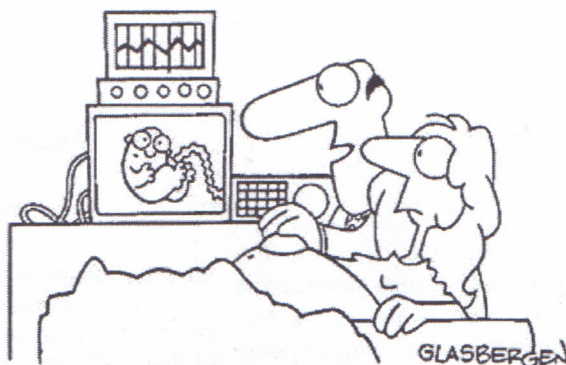
### 7. Ensino adaptado ao ano 2000

O que é um agricultor???

[Enviado pelo Prof. **Cláudio Artur de O. Rei**, [arturrei@uol.com.br](mailto:arturrei@uol.com.br), do Rio de Janeiro].

– II –

### ILUSTRAÇÃO DA NOVA ERA



Seu bebê está se desenvolvendo muito bem. Você gostaria de enviar-lhe um e-mail?